

# CALIBURN

*“Em Yod, no punho da espada, desenha-se a cabeça do Homem, a fronte que toca o Cristão quando, benzendo-se, ele chama o Pai.*

*No Vau, a lâmina, aparece a coluna vertebral na qual correm as energias do Pai para a criação do Filho. Nos Hé, os dois cortantes, desdobram-se os pulmões, que prolongam os dois braços e as duas mãos do Homem, que o Espírito enche do alento da vida”.*

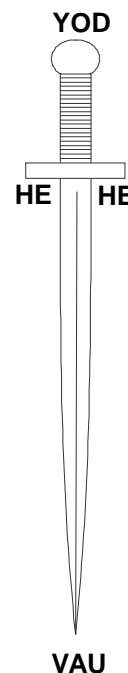
*Annick de Souzenelle em “De l’arbre de vie au schema primordial”*

**A**naliseemos alguns dos elementos constituintes da ESPADA. Sabemos que o Verbo de Deus se encontra velado na primeira letra YOD do Tetragrama Sagrado. Ele é, pois, o Germe Divino de toda a palavra, o princípio único que é origem de todas as coisas. Ele é, segundo Michel Coquet, o equivalente no Homem do “Eu Real e Absoluto”, ou o ponto no centro do círculo, que se identifica com a séfira KETHER.

Ora, o elemento a que corresponde este YOD na espada é o *botão do punho*. Ele representa pois esse gérmen primordial, esse som representado por um segmento unitário encimado por um ponto! Curiosamente, é junto a essa zona que o dedo mínimo – o dedo cardíaco – aplica a força raiz da espada. Sim, porque para que a espada não salte da mão e se mantenha firme, necessário se torna que esse dedo esteja bem apertado. É por isso que, em muitas espadas, nesse extremo existe uma pequena esfera...

Repare-se, agora: a extremidade oposta ao botão é pontiaguda, unindo as partes laterais, como na letra V. É o VAU ou Vov, a terceira letra sagrada associada, no sinal da cruz, ao Filho... A espada estende-se assim como elemento espiritual (no Oriente o metal é o elemento do espírito) do botão à ponta e é, como tal, que ela deve ser utilizada quando desembainhada. Ser uma “expressão justa” do Pai para com o Filho.

Os *dois cortantes* associam-se à polaridade dos dois pulmões e dos dois braços e mãos, por onde o ar e os “ares” do Espírito circulam. Já o ramo protector do punho representará, não só o aspecto protector material – protegendo a mão – como a própria mãe que, no seu aspecto divino, protege o filho e o conduz à Iluminação.



.....  
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

**A** reforma do rei Amenóphis IV não foi, propriamente, uma reacção política contra a autoridade invasora desses intendentos do palácio que eram os grandes sacerdotes de Amon, mas, tão somente, uma forma mais humana de religião, ou seja, a mesma concepção arcaica que tinha sido a sua florescência no tempo do antigo Império, quando o deus Ra dominava os deuses vivos; ou melhor, uma reminiscência atlante mais consentânea com os princípios superiores ou divinos...

Como um grande reformador, Kunaton acabou com a antiga escola dos artistas decoradores de templos, encorajando-os e aconselhando-os a abandonar o velho estilo convencional e artificial, por outro mais próximo da natureza. Fez com que o representassem, por exemplo, em companhia dos seus, tal como eram, e não por meio de artifícios, como se fazia anteriormente; com as suas imperfeições físicas e na intimidade de sua família, onde quase sempre era encontrado. Nesses quadros, que ainda subsistem, vemo-lo sempre em atitudes familiares, cercado de sua mulher e filhas.

No fim do seu reinado, o faraó delega ao seu mais devotado confidente – Morirá – o cargo de Sumo Sacerdote e grande vidente de Aton, porém, tendo o cuidado de lhe não conferir funções civis, isolando-o nas suas próprias, e confiando a outro, de nome Mirtabá (nome e facto desconhecidos dos próprios egiptólogos), a administração financeira e jurídica do Egito. Nesse caso, uma espécie de Colunas ou Ministros, da qual Ele, Kunaton, representava a Central, na mesma razão das do Rei do Mundo e seus dois Ministros, Mahima e Mahinga, por sinal que escritos também com a mesma letra M, que, em si, já é um mistério... Haja em vista os termos Mênfis-Misraim (e até Maisim para a terceira coluna), de certo rito egípcio hoje pouco conhecido.

*Henrique José de Sousa*

*in “Amenóphis IV ou Kunaton”, Dhâranâ nº 52 a 66 – Abril de 1930 a Junho de 1931*

“Eu não tenho família;  
Converto o Céu e a Terra em minha família.  
Eu não tenho lar;  
a sede do meu espírito (em meu corpo) é meu lar.  
Eu não tenho poder;  
a interacção é o meu poder.  
(...)  
Eu não tenho poderes mágicos  
a força interior é a minha magia.  
(...)

Eu não faço milagres  
a Lei é o meu milagre.  
(...)  
Eu não tenho inimigos;  
a irresponsabilidade é o meu inimigo.  
Eu não tenho protecções;  
a benevolência é a minha protecção.  
(...)  
Eu não tenho arma;  
onde fica o acima e o além dos pensamentos,  
aí eu obtenho a minha espada.

*Extracto de um poema japonês de autor desconhecido*

## A DANÇA DE SHIVA

Fritjof Capra, o célebre autor de “O Tao da Física”, numa sua conferência proferida em Los Angeles, em 29 de Outubro de 1977, num Simposium sobre “Física e Metafísica”, dizia entre outras coisas:

“Em contraste com a concepção mecânica da ciência ocidental, a visão oriental bem poderia denominar-se orgânica, integral ou ecológica. As coisas e os fenómenos percebem-se como manifestações diferentes da mesma realidade. A divisão do mundo em objectos isolados, ainda que útil e prática no nível de cada dia, é considerada como uma ilusão, “Maya”, como dizem os Indús. Para o místico oriental, os objectos possuem um fluído e um carácter de mutação constante. A mudança e a transformação, o fluxo e o movimento, jogam um papel essencial em sua concepção do mundo. O cosmos é considerado como uma realidade inseparável, sempre em movimento. É algo vivo, orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo. Uma visão similar está agora surgindo na Física moderna.”

“A Teoria do Quantum mostrou que as partículas subatómicas careciam de sentido como entidades separadas e unicamente podiam explicar-se como interconexões entre os distintos factores de observação e medida. As partículas não são coisas, as quais, por sua vez, são interconexões entre outras coisas, e assim sucessivamente.”

“A Teoria do Quantum revela desta forma uma unidade básica de todo o universo, ao mesmo tempo que demonstra que não é

possível decompor o mundo em pequenas unidades de existência independentes. À medida que penetramos na matéria, a Natureza não nos mostra nenhum bloco básico isolado, mas aparece como uma complexa trama de relações entre as distintas partes de um todo unificado.”

“A física moderna não pensa que a matéria seja passiva e inerte, mas que está continuamente dançando e vibrando. E isto é bastante similar à descrição que fazem do mundo os místicos orientais. Ambos põem de relevo que o universo há-de ser entendido de uma maneira dinâmica, pois suas estruturas não são estáticas e rígidas, antes têm de contemplar-se em termos de equilíbrio dinâmico.”

“Os físicos falam de uma dança contínua de matéria subatómica. Chegaram a utilizar termos, tais como “dança de criação e destruição” e “baile de energia”. Isto é a primeira coisa que surge à mente quando se vê as imagens dos movimentos das partículas obtidas pelos cientistas em suas câmaras especiais.”

“Naturalmente, os cientistas não são os únicos que falam desta dança cósmica. Talvez o exemplo mais belo desta metáfora se dê no Hinduísmo: a imagem do deus Shiva dançando. Shiva é a personificação da dança cósmica. De acordo com a tradição hindu, toda a vida não é mais que uma acção rítmica e recíproca de nascimento e morte, de criação e destruição.”

*Extraído da Obra “Meditação e Mantras, de Swami Devananda*

## A ALDEIA GLOBAL

**Neste preciso momento, mais de 3 milhões de pessoas, em média, estão ligados a essa poderosa rede de comunicação chamada Internet.**

Mas em que consiste a Internet? Essencialmente naquilo que o próprio nome diz. Uma rede internacional. Uma rede de computadores, interligados entre si, espalhados por todos os continentes, e que guardam informação ou permitem a comunicação entre pessoas.

Mas o que é mais espantoso é o universo de possibilidades aberto com este poderoso meio de comunicação. É possível enviar mensagens de correio privadas para qualquer parte do mundo, para outro utilizador ligado à Internet, em poucos minutos. É possível participar em grupos de discussão pública sobre os mais variados temas, desde o cinema à literatura, passando pela astrologia, a alquimia, o budismo zen, a maçonaria, o rosacrucianismo, as civilizações desaparecidas e, reparem bem, os mundos subterrâneos. Sim! Existem grupos de discussão pública, na Internet, sobre mundos subterrâneos.

As mensagens que, diariamente, são colocadas nesses grupos

chegam a atingir, no caso da astrologia, as 100 mensagens. De todos os cantos do mundo. Do Japão ao Alasca, de Portugal à Venezuela, de Rússia à África do Sul.

Em finais de 1995, uma estimativa por alto contava cerca de 5 milhões de pessoas, em todo o mundo, com acesso à Internet. Prevê-se que, em finais de 1997, esse numero ascenda aos 100 milhões. Fantástico! Estamos, de facto, perante a tão falada aldeia global.

Do nosso ponto de vista, do ponto de vista dos amantes da Sabedoria Divina, as vantagens são por demais evidentes. Quem não gosta de trocar opiniões com outras pessoas sobre os temas tão aliciantes da Sabedoria das Idades? E quem não gostaria de receber periodicamente, sem nenhum esforço, toda a informação disponível mundialmente sobre estes temas? Enfim, um mundo interminável de possibilidades que se abre, no qual o limite parece ser apenas a nossa imaginação.